

## **Bodymodification: o corpo como objeto do design**

*My first scarification has broadened my horizons to a whole new world of the personal and spiritual fulfillment that can be achieved through body modification.* (depoimento de um leitor para o site [http:// www.bmzine.com](http://www.bmzine.com))

Primeiramente, é necessário afirmar que este pequeno ensaio, no qual vislumbro a possibilidade de abordar o corpo como sendo objeto do design, se insere no âmbito das discussões propostas por Couto (1997) acerca das importantes proposições que legitimam a atuação da mencionada atividade enquanto campo de saber. Mais especificamente, sobre as instâncias que mantêm a unidade do universo de investigação do design face aos desafios políticos e sociais encontrados dentro e fora dos domínios dessa disciplina, visto que "se trata de uma área de conhecimento demasiadamente ampla e de contornos bastante difusos" (1997, p.1).

Com efeito, a minha proposta se baseia nos fundamentos ilustrados por Couto referentes às interpretações de Buchanan sobre a natureza do design. Ou seja, adoto como pressuposto o fato de que "as explicações, quando desenvolvidas e bem apresentadas, transformam-se em filosofia ou proto filosofias que existem dentro de uma pluralidade de visões alternativas, proporcionando uma moldura através da qual se permite que cada designer venha entender e explorar materiais, métodos, bem como princípios da teoria do design" (1997, p.2).

E se o escopo teórico pertinente ao design visa apenas os objetos da cultura material, não tenho receio em dizer que encaro o corpo como um artefato, pois de acordo com Portinari (2002), no âmbito do simbólico não existe objeto algum que não seja fabricado pelo homem. Portanto, o trabalho em questão — cujo conteúdo faz parte de uma pesquisa mais ampla acerca das mais novas e variadas maneiras de se construir o corpo masculino no cenário brasileiro<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Devo, então, deixar claro que o termo “cenário brasileiro” deve ser entendido, aqui, como uma figura de linguagem. Desse modo, parto do princípio de que não existe instrumento de análise cuja abrangência seja

contemporâneo— pode ser visto sob a ótica da idealização, criação, transformação e conjugação de estilos das formas plásticas e estéticas que, guiadas pelos ditames da moda, servem como um vetor impulsionando a busca pelo singular, enquanto uma exigência imperativa presente em um discurso de "valorização da autonomia." É nesse contexto, que a parte do meu estudo, aqui destacada, pretende averiguar as maneiras mais recentes de "estetização" do corpo na vida cotidiana mediante o conceito de *body modification*. Utilizo, então, algumas modalidades daquilo que seus adeptos vem definindo como *extreme*, ou seja, o chamado *special implant*, a *tongue splitting* e a tão alardeada *amputation*.

Como ponto de partida, decidi que deveria estar cada vez mais próxima do universo que permeia a estética a fim de entender a produção de estilos que se apresenta no mundo contemporâneo. Nesse sentido, considere o belo como "fruto de relações práticas do homem com o exterior, relações que também provém da exigência de transformar o mundo, e assim também ele próprio, na medida em que ao mundo pertence e lhe imprime o sinal de sua personalidade" (Hegel pp. 50 - 51,1996).

A perspectiva apresentada aqui leva em consideração a possibilidade de encarar a produção e reprodução de estilos segundo a ótica de muitos semiólogos e, nesse caso mais propriamente, de acordo com a visão do Barthes (1988, orig. 1957) e Baudrillard (1993). Ou seja, como um linguagem visual com seus próprios distintivos gramaticais, sintaxe e vocabulário. E mais especificamente, como não existindo "acontecimento ou coisa, seja na natureza animada, seja na inanimada, que, de certa forma, não participe da linguagem"(Benjamin, p.177, 1992).

Desse modo, pretendo, a partir dos discursos produzidos pelos seus adeptos, chamar atenção para o *special implant*, a *tongue splitting*, e a *amputation* como sendo técnicas geradoras de novas formas de expressão corporal. Para tanto, estou procurando me aproximar das análises do Deleuze e Guattari (1999) referentes à confecção de um corpo sem órgão com o intuito de buscar

---

capaz de representar/apresentar o vasto espectro das particularidades humanas sob a forma de uma ubiquidade totalitária.

explicações para o *bodymodification*. Almejo com isso, fugir um pouco desses enunciados cujas observações acerca das intervenções no corpo se reduzem a análises sobre as imposições "de uma mídia que adquiriu um imenso poder de influência, expandiu o consumo de produtos de beleza, generalizou a paixão pela moda e tornou a aparência física responsabilidade de cada indivíduo, que não deve mais aceitar seu corpo tal como ele é, como "obra da natureza divina", mas sim procurar corrigir as imperfeições" (Goldenberg & Ramos, 2002, p.111).

Julgo assim, que a abordagem em questão se insere no âmbito de uma possível dicotomia entre natureza x cultura. Por um lado, existiria então a beleza natural das formas sob a égide de uma " obra da natureza divina". E por outro, nos depararíamos com a construção de todo um aparato cultural de modelagem aprisionante e torturador compelindo os sujeitos para dentro de uma modalidade rígida que impõe a necessidade de corresponder a determinados modelos em voga. Isto porque segundo Wolf para "a cultura dominante é inconcebível que se respeite como um compromisso político, tão profundo quanto qualquer orgulho étnico e racial, a determinação no sentido de se demonstrar lealdade para com a sua verdadeira idade, seu verdadeiro corpo, sua verdadeira pessoa e sua vida real, em desafio a um mito da beleza tão poderoso quanto os mitos sobre a supremacia dos brancos" ( 1992, p.73).

De uma maneira geral, a postura das respectivas autoras expressa a ideologia que segundo Barthes (2001) norteia a nossa sociedade cujo teor seria a transformação da cultura em pseudo natureza. Diria então que se o princípio em vigor é de que o sujeito só existe enquanto sujeito da linguagem, ousa afirmar ser totalmente inútil aclamar por um corpo natural e verdadeiro, na medida em que este "natural" e "verdadeiro" somente poderá ser constituído de "realidade" na interface entre o imaginário e o simbólico. Isso porque no plano imaginário se daria o que Judy (2002, pp. 40- 41) define como sendo *mise en scène do corpo*, ou seja, o que eu suponho ser um conjunto de representações, crenças, valores através do qual os sujeitos constroem as imagens dos corpos alheios e a do seu próprio corpo. E no simbólico estaria inscrito, digamos assim, as representações sensíveis desse corpo enquanto objeto desnaturalizado pela sua incidência na estrutura da linguagem. De fato, eu diria mais uma vez que está intrínseca à

composição do nosso físico ser algo eminentemente construído, esculpido, trabalhado, organizado, turbinado ou manufaturado e "essa manufatura não é contingente, posterior, eventual, e sim constitutiva do sujeito e de seu corpo, simultaneamente" (Portinari, 2002, p. 142). O que se torna evidente quando os filósofos da chamada virada lingüística, iniciada com Wittgenstein, postularam a inexistência de "um significante último, fora da linguagem que garantisse uma ancoragem para as significações" (Ritakehl, 2002, p.67). Por esse motivo, conforme Deleuze e Guattari (1999) me pareceram sugerir, a função da linguagem enquanto máquina abstrata, tanto pode ser considerada o princípio ordenador desse corpo, quanto o elemento que proporciona condições para a sua desorganização. E essa desarticulação se dá na instância da fabricação de um corpo sem órgão — CsO. Isso porque segundo os respectivos autores, "o CsO não existe "antes" do organismo, ele é adjacente e não para de se fazer" (1999, p. 27).

Portanto, parafraseando Roland Barthes posso afirmar que a função do corpo faz nascer o signo, mas este corpo enquanto signo é transformado no espetáculo de uma função (2001, p. 218). No exato momento, julgo então estar apta a problematizar o *body modification* sob o viés do *extreme* — *special implant, tongue splitting e amputation* — a partir das análises do Deleuze e Guattari referentes à busca de meios através dos quais sejam possíveis se desfazer do organismo momentaneamente e de forma paciente, ou seja, mediante aquilo que os autores definem como sendo dose de prudência necessária. Posto que "é somente aí que o CsO se revela pelo que ele é, conexão de desejo, conjunção de fluxos, *continuum* de intensidade (1999, p.24). Ou seja, um conjunto de práticas cujo programa motor se define pela experimentação na sua condição de linha de fuga que possibilita um remanejamento das figuras imaginárias, assim como das funções simbólicas do corpo enquanto tal, visto que a corporalidade física, digamos assim, é tão-somente um conjunto de válvulas, represas, comportas, taças ou vasos comunicantes" (1999, p.13).

Para este propósito, utilizo os discursos de três sujeitos os quais estariam representando as variáveis que circunscrevem o *body modification* à luz do *extreme*. Começo de imediato pelo que poderia se chamar de experiência mais

radical e por conseguinte a mais polêmica e controvertida, isto é, a *amputation*. Recorro, assim, a fragmentos do discurso do americano *Four Finger Joe*.

Como o meu trabalho diz respeito ao universo carioca e paulista, necessito portanto justificar a inclusão da entrevista com o referido americano. A minha atitude se baseia em um argumento no qual eu creio explicar essa tomada de decisão. Posso assim afirmar que estou lidando com um problema de ordem prática caracterizado pela dificuldade de encontrar brasileiros que admitam terem se mutilado por livre e espontânea vontade.

Outra justificativa para qual chamo a atenção tem a ver justamente com a escolha da *amputation* como objeto de estudo. Ou seja, está intrinsecamente relacionada com o fato desta prática me soar como algo violentamente chocante e pela minha dificuldade em lidar com o sangue e a dor. Pretendo assim, tentar me desvincular de rótulos que eu mesma me vi empregar como: angústia, nojo, doença, insensatez, loucura, insanidade, desatino, estupidez etc... e abrir espaço para outras interpretações. A minha intenção é vislumbrar a polissemia dos corpos, posto que "cada homem tem em si, vários léxicos, várias reservas de leitura segundo o número de saberes, de níveis culturais que dispõe" (Barthes, 2001, p.215).

A partir das considerações feitas acima, extrairei agora um trecho em que *Four Finger Joe*, um homem que se auto amputou voluntariamente, narra sua experiência na *home page* <http://www.spc.bodymodification.com/experiences>. Portanto, tal qual sugere o site, se alguém precisa de outros "por quês" deve ler o relato de *Four Finger Joe* quantas vezes achar que for preciso.

Eu sei que para alguns isso não é o que se poderia chamar de **NORMAL** Mas isto para mim é tão correto quanto qualquer coisa que alguém possa querer. Algumas pessoas querem **PEITOS GRANDES**, alguns **HOMENS** querem ser **MULHER**, algumas **MULHERES** querem ser **HOMEM**. E não existe nada de errado nisso. **Por quê** haveria? Desde quando eles nasceram, essa é a forma como eles se sentem e eles estão certos. E é assim que funciona para mim. Infelizmente você não pode ir ao hospital e dizer eu gostaria de tirar esses dois dedos e esperar que alguém o faça. Então eu mesmo faço. Mas existe uma forma segura de se fazer e você efetivamente precisa saber como isso é feito perdendo a menor quantidade de sangue possível. Eu recomendo que se você está pretendendo fazer alguma coisa desse tipo, assegure-se de que você esteja pronto...

De imediato, afirmo ser esta autodestrutividade que aparece nas palavras e ações do Four Finger Joe nefasta àquilo que concerne a liberdade de criação de um CsO. Tal premissa se baseia nos pressupostos, conforme entendi serem apresentados por Deleuze e Guattari, de que para se desfazer do organismo e de seu plano de consistência, é necessário conservar pequenas provisões de significância e de subjetividade para que o corpo possa responder à realidade dominante. Não se pode, portanto, desmanchá-lo grosseiramente, segundo o que me parece sugerirem os filósofos, porque estaria se criando um corpo vazio ao invés de pleno. E o que caracteriza o CsO é o fato de ele ser povoado por intensidade. Desse modo, pressuponho que se desfazer dos dedos seja o mesmo que esvaziar o corpo, transformando-o imediatamente em nada, pois a ele está se furtando à significância e à sujeição. Seria lícito afirmar, digamos assim, que nesta prática se tangencia a morte desse corpo não somente em termos de estrutura física, como psíquica.

Segue-se agora o depoimento de **Roberto Medeiros** que fez uma intervenção cirúrgica denominada *tongue splitting*. **Roberto Medeiros** mantém um domínio na rede sob o nome <http://www.robertomedeiros.com.br> onde ele narra a sua própria experiência e troca informações com os curiosos e interessados.

Quando você deseja saber qual o motivo que me levou a fazer a *tongue splitting* eu respondo de duas formas. Primeiro dizendo que não se faz nada melhor por ter uma língua bífida. Ela é só mais um brinquedo. A segunda é te perguntando por quê as pessoas fazem qualquer coisa em seu corpo? Muito simples porque elas querem e isso faz com que se sintam bem. Não existe, portanto, um porquê verdadeiro e nem tão pouco uma resposta definitiva para essa pergunta. As minhas respostas, por exemplo, dependem do dia e do meu humor.

Se as condições para a confecção de um CsO pressupõem, como creio eu, linhas de fugas ricas em possibilidades de desterritorializar o organismo mediante conjunções de fluxos e experimentações contínuas de intensidade, isto é, através da substituição de figuras imaginárias e de funções simbólicas das quais ele não tem mais necessidade, diria que o humor presente no discurso do Roberto Medeiros poderia ser entendido como um exemplo de experiência bem sucedida. A decisão de construir um CsO marginal, bem como a prática de

ridicularizá-lo tanto no seu aspecto organizacional, quanto na sua própria marginalidade, toma proporções de um ato político quando ele decide subverter a máquina abstrata que incide sob o organismo como um todo. Julgo, portanto, ser a declaração referente à inconsistência de suas respostas um exemplo demasiadamente esclarecedor, na medida em que a frase em questão possibilita o remanejamento constante do conjunto de significados e significantes, vislumbrando condições para a recomposição do organismo a cada alvorecer.

E por último apresento o depoimento de **Filipe Julio**, um adepto do *special implant*. **Filipe** além web designer, é fotógrafo e diretor do site de sua própria autoria <http://www.neoarte.net> cujo conteúdo é totalmente dedicado ao *body modification* e ao *body art*

Ah! Eu acho que essa frase<sup>2</sup> não representa nada. Ela representa a idéia de um grupo, não de quem faz *body modification* no geral. Cada um pensa de um jeito. Pode ter gente que faz igual a pessoa que me tatua: tem tatuagem e é tatuador; um dos melhores do Brasil e é evangélico, dá dízimo e tudo na Igreja. E outros que moram igual a eu que moro com meus pais, trabalho e estudo e faço *body modification*. Me modifico só por diversão, só pela estética mesmo. Acho que eles estão certo de não quererem ter culpa de nada, né. Ninguém tem culpa de nada. Cada um faz o que acha que quer!

Esse trecho no qual o entrevistado afirma: cada um faz o que quer remete ao campo de imanência do desejo enquanto uma particularidade própria do CsO. A minha afirmativa se baseia no fato de que o " CsO é desejo, é ele e por ele que se deseja. Não somente porque ele é o plano de consistência do desejo, mas inclusive quando cai no vazio da estratificação brutal, ou bem na proliferação do estrato canceroso, ele permanece desejo. O desejo vai até aí: às vezes desejar seu próprio aniquilamento, às vezes desejar aquilo que tem o poder de aniquilar (Deleuze e Guattari, 1999, p.28).

Tendo em vista tudo o que foi dito, seria pertinente afirmar que cada corpo sem órgão, em seu gênero particular, seja de *special implant*, seja de *tongue*

---

<sup>2</sup> Declaração que aparece no site [www.counter.bloke.com](http://www.counter.bloke.com) nos seguintes termos:

" nós não somos responsáveis pelo fato de seus filhos terem perdido o interesse pelo seu mundinho político e religioso ou pelos seus produtos de consumo. Nós não podemos ser acusados pelo interesse crescente que eles têm em pornografia e automutilação, pela perda da auto estima, por terem contraído herpes genital( ou qualquer outra doença sexualmente transmissível), nem por eles terem perdido o respeito por deus e pela autoridade. Entretanto nós podemos nos sentir bastante orgulhosos disso tudo"

*splitting* ou de *amputation* também abre espaço para se repensar a questão das limitações físicas, no sentido de proporcionar, por exemplo, um respeito maior aos portadores de "deficiência"? E o que poderia ser muito melhor, ofereceriam essas práticas condições de sugerir um questionamento do próprio conceito de deficiência? Seriam ainda tais experiências, a despeito dos diferentes agenciamentos que motivam os desejos que permeiam cada uma delas, mais dolorosas do que o hábito de cortar o prepúcio na cultura judaica, de furar a orelha dos bebês no Ocidente, de fazer cirurgias estéticas como plásticas, lipoaspiração e enxerto de silicone nos lábios etc., de afinar a cintura com uso do espartilho até o início do século passado, de branqueamento através da sangria, de deformar a caixa craniana ou de limar os dentes no México, de atrofiar os pés e de aumentar a estatura na China, de alongar o pescoço na Tailândia, de mutilar o clitóris na Somália e Nigéria? Ou tais questionamentos não fazem o menor sentido, já que cada CsO em seu gênero específico, de acordo com o que entendi, produz um efeito único por assim dizer? Em última instância, ofereceriam essas práticas possibilidades generalizadas para se discutir academicamente assuntos que ainda continuam sendo tabus para muitos, como: sadismo, masoquismo, desejo de morte e até mesmo o próprio suicídio?

E para finalizar, recorro a uma citação do Freyre afirmando que o nosso cotidiano é influenciado pela produção de estilos na sua condição de moda e "coloridos por modas. Modas que, nessas suas influências sobre os seres humanos, podem ir além de usos ou modos, ao mesmo tempo, pessoais e sociais de homens, mulheres e crianças regularem suas vivências. Podem tornar-se modas de pensar, de sentir, de crer, de imaginar, e, assim subjetivas, influírem sobre as demais modas: sobre maneiras pessoais e gerais de indivíduos e grupos seguirem modas concretas. É assim que certas modas de traje, de calçado, de penteado de mulher, de homem, de criança, podem ser seguidas com entusiasmo por alguns e com severas restrições, até quase repúdio, por outros. Tudo vai de acordo com a idéia, da parte de quem adota ou rejeita, do que seja decoroso, moral, religioso, dígno, elegante, artístico, funcional " (1987, p. 24).

## Referências

- Barthes, R (1957). *Sistema de Moda*. Lisboa: Edições 70.
- \_\_\_\_\_ (2001). "A Semântica do objeto" in *A aventura semiológica*. São Paulo: Martins Fontes.
- Baudrillard, J. (1993, orig. 1968). *O sistema dos objetos*. São Paulo: Perspectiva.
- Benjamin, W. (1992). "Sobre a linguagem geral e sobre a linguagem humana" in *Sobre arte, técnica, linguagem e política*. Lisboa: Relógio D'Água Editora.
- Couto, R. M. S. (1997). *Design como corpo de conhecimento* in *Movimento interdisciplinar de designers*. Tese de Doutorado defendida no Departamento de Educação da PUC -Rio
- Deleuze, G. & Guattari, F. (Vol. 3, 1999, orig. 1996) " 28 de novembro de 1947: como criar para si um corpo sem órgãos in *Mil platôs*. São Paulo: Editora 34 Ltda.
- Freyre, G.(1996). *Modos de homem e modas de mulher*. Rio de Janeiro: Record.
- Goldenberg, M. & Ramos, M. S. (2002) *O corpo carioca (des)coberto in O corpo da moda a moda do corpo*. São Paulo: Esfera.
- Hegel, G. W. F. (1996). *Curso de Estética: o belo na arte*. São Paulo: Martins Fontes.
- Jeudy, H-P.(2002). *O corpo como objeto de arte*. São Paulo: Estação Liberdade.
- Portinari, D. (2002)" A última Fronteira: repensando o corpo na contemporaniedade" in *O corpo da moda a moda do corpo*. São Paulo: Esfera.
- Ritakehl, M. (2002). *Sobre ética e psicanálise*. São Paulo: Compainha da Letras.
- Wolf, N.(1992). *O mito da beleza: Como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres*. Rio de Janeiro: Rocco.